

PERFORMANDO IDENTIDADES DESTERRITORIALIZADAS: UMA LEITURA DE *TRANS IBERIC LOVE*, DE RAQUEL FREIRE

PERFORMING DETERRITORIZED IDENTITIES: A READING OF *TRANS IBERIC LOVE*, BY RAQUEL FREIRE

Marcelo Branquinho Massucatto Resende¹

RESUMO

O romance português *Trans iberic love* (2013) narra a história de Maria, nascida com a Revolução dos Cravos e o trans-homem José, nascido nos anos 1990, que crescem em meio à austeridade econômica e afetiva causada pela crise do neoliberalismo nos anos 2000 e 2010, fazendo com que se sintam motivados a lutar por uma revolução *queer* anticapitalista e questionadora dos ideais da sociedade heteronormativa. Raquel Freire escreve um romance de formação que traz um reflexo da militância LGBTQ+, bem como do recente processo de desnacionalização da literatura portuguesa. Pretendemos ler o romance de Freire em consonância com vozes teóricas pós-estruturais e da teoria *queer*, de modo a averiguar como sua obra contribui com novos horizontes questionadores da atual conjuntura LGBTQ+.

PALAVRAS-CHAVE: Romance português contemporâneo; *Trans iberic love*; Teoria *queer*.

ABSTRACT

The Portuguese novel *Trans iberic love* (2013) tells the story of Maria, born during the Carnation Revolution and transgender José, born in the 1990s, who grow up in the midst of the economical and emotional austerity caused by a neoliberalist crisis throughout the 2000s and 2010s, which engage them into fighting for an anticapitalist, queer and questioning revolution in opposition to the ideals of heteronormative societies. Raquel Freire writes a coming of age novel that reflects upon the status of LGBTQ+ militia, as well as the recent process of denationalization of Portuguese literature. We intend to read Freire's novel along with poststructuralist and queer theoretical voices, so that we can examine how her work contributes with new questioning horizons for the current conjuncture of LGBTQ+ movements.

KEYWORDS: Contemporary Portuguese novel; *Trans iberic love*; Queer theory.

INTRODUÇÃO

No período pós-Revolução dos Cravos, a literatura portuguesa tem testemunhado um processo ao qual Miguel Real (2012) chama de desnacionalização, cujo início é marcado pela queda da ditadura salazarista e posteriormente pelo ingresso do país na União Europeia. A transição de Portugal para modelos econômicos neoliberais é desdobrada na literatura contemporânea por meio da não unicidade de escolas literárias e da individualização a partir da criação de *fan bases* para escritores cuja fama provém não de qualidade ou destaque literário, mas de estratégias midiáticas e editoriais que visam alçá-los ao status de celebridades. Miguel Real afirma que paralelamente a isso ocorre uma desnacionalização ideológica em oposição à literatura portuguesa canônica, por sua vez marcada pela predominância do romance realista e seus derivados, além de temas que abrangem principalmente a autenticidade de um espírito ideológico e militante no contexto do Estado salazarista.

Desse modo, romances cujo espaço não mais se restringe a contextos regionalistas passam a ser frequentes, bem como temáticas que não dizem respeito a uma ideia de unicidade nacionalista, mas à de uma identidade fragmentada que se reflete tanto em seu espaço quanto em sua voz, assim superando fronteiras entre: gêneros textuais; língua e linguagem; significado e significante; sujeito e pátria. A partir destes termos, a literatura permitiu que vozes até então subalternas pudessem se inserir na tradição de modo que o foco se desviasse de uma identidade nacional hegemônica e fosse transferido para identidades circunscritas a subjetividades cujas experiências são associadas a vivências do que se convém chamar “minorias sociais”. A essa conjuntura soma-se a apropriação midiática das demandas sociais em um contexto neoliberal, em que discursos antes subversivos parecem assumir contornos cada vez mais homogêneos de modo a tentar transformar as diferenças em lugar comum.

O que pretendemos neste artigo é examinar uma manifestação da linguagem literária contemporânea que tem como ponto de partida o relacionamento entre duas pessoas com identidades fragmentadas dentro da tradição literária portuguesa: o romance *Trans iberic love*, de Raquel Freire, publicado em 2013. Analisaremos a obra por meio de vozes teóricas decoloniais e da teoria *queer*, buscando refletir sobre de que modo a atual conjuntura de subjetividades LGBTQ+ se manifesta em um contexto neoliberal de literatura desnacionalizada – e, deleuzeaneamente falando, também desterritorializada, uma vez que aqui tratamos de um romance representativo de identidades rizomáticas e, portanto, fragmentadas.

A VOZ DO SUBALTERNO NA LITERATURA PORTUGUESA

A internacionalização da literatura portuguesa é o desdobramento de um contexto mundial do período pós-Guerra, em um movimento que Homi Bhabha define como algo que

reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. Isto porque a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos [...] cada vez mais, as culturas ‘nacionais’ estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas. O efeito mais significativo desse processo não é a proliferação de ‘histórias alternativas dos excluídos’, que produziriam, segundo alguns, uma anarquia pluralista. O que meus exemplos mostram é uma base alterada para o estabelecimento de conexões internacionais (BHABHA, 2001, p. 24-25).

A literatura portuguesa contemporânea reflete a participação de Portugal nas mudanças sociais e manifestações culturais descritas por Bhabha. No que abrange os “portadores de sexualidades policiadas”, aquela nomeada como transexualidade ou outros usos performáticos deste termo ao longo da história², constataríamos que dentro da literatura portuguesa há uma carência de personagens travestis ou transgêneros, sendo igualmente escassas obras cuja temática central seja a fluidez de gêneros ou a contestação de papéis sexuais impostos pela sociedade heteronormativa a partir do ponto de vista de pessoas que não se adequam a ela.

A voz do transexual – até então tida como subalterna e invisibilizada quando circunscrita a essa tradição – pode ser encontrada em *Trans iberic love*, que consiste na narrativa de Maria, uma mulher portuguesa nascida no Porto que se apaixona por José, um trans-homem nascido em Barcelona. Acompanhamos ao longo do romance o desenvolvimento da

história de amor entre ambos, conduzida e tornada possível pelos voos *low-cost* entre os países da União Europeia. Ao mesmo tempo em que o amor entre os dois cresce, aumenta a esperança de que a revolução *queer* planejada pelo casal se materialize por meio da destruição dos aparatos neoliberais que visam sufocar o movimento LGBTQ+ e as expressões de suas subjetividades.

No livro de Freire percebe-se claramente a influência da desnacionalização e da diáspora cultural, pontos observados por Real e Bhabha, que se materializam narrativamente por meio do espaço e das vozes dos dois personagens. Definida como um “romance de voos *low-cost*”, a história se passa ora no Porto, ora em Barcelona, em Paris, Berlim, São Paulo, entre outras metrópoles. A fragmentação espacial corresponde a em uma fragmentação temporal, tendo início com o Fragmento I e a epígrafe de Maria: “No presente? Não começo pelo princípio, começo pelo meio como podia começar em qualquer outro sítio” (2013, p.11). A isso sucedem lembranças de natais de anos diversos, e a narrativa oscila entre 1989 e os anos 2000.

Nascida no Porto com a Revolução dos Cravos, Maria tem sua personalidade moldada pelo espírito da cidade invicta, sendo ela uma mulher tenaz que se nega a obedecer às normas do capitalismo e às regras do patriarcado. No capítulo seguinte, de José, verifica-se o mesmo movimento temporal em forma de retalhos, tendo início em 2001 e terminando em 1999. O nascimento de José ocorre simultaneamente à entrada de Portugal e Espanha na União Europeia. Assim como sua cidade natal, José representa o exótico, o desconhecido, o novo. Após uma introdução fragmentada, a narrativa segue uma ordem cronológica ao longo dos anos 2000 assistindo à construção da revolução *queer* a partir dos primeiros encontros entre Maria e José por meio de uma enunciação em primeira pessoa. A trajetória dos dois personagens acompanha o trajeto econômico neoliberal implementado em Portugal ao longo dos anos 1990 e potencializado antes da crise europeia de 2008, cujas consequências (crise econômica e concentração de renda) ecoam diretamente na narrativa, seja na visão de Maria ou de José:

Dizemos que somos artistas porque hoje em dia a vida é tão precária, ninguém tem um emprego estável, muito menos uma coisa para toda a vida como os nossos pais e todos os outros antes de nós, nem sequer um emprego com contrato e condições dignas, a democracia no trabalho já não é para nós, tudo é precário, do afeto ao emprego, para nossa geração entre ser empregado precário atrás de um balcão ou tentar realizar os sonhos artísticos mais vale arriscar, se vamos passar fome e vamos, se vamos ser explorados e vamos, se a nossa vida mantida pelas ajudas das famílias apesar de nos gabarmos de sermos independentes, se não temos direitos sociais mas fingimos que sim, que o mundo não está a desabar em cima das nossas cabeças, que tudo não está ruim e não tarda nada vamos ser todos Camões-Bárbaras-

-Mulheres-Negras a viver na rua de peito e pernas à mostra, como os frangos no supermercado, ao frio e à chuva e às escarretas de quem passa e nos acha lixo, lixo que nos chamam (FREIRE, 2013, p. 34).

O meu pai havia de gostar de me ver tão versado em economia internacional. Caminhamos para o abismo. Estamos perante a maior crise econômica, maior que a de 1929 e continuamos a ignorar, a fingir que não vemos, porque explodiu em África, América do Sul, mas na Europa nós continuamos a fingir que está tudo bem, que nada nos afeta, então nós espanhóis, estamos mesmo numa fase em que nos achamos bons, mas mesmo bons, como os americanos. Nunca a política espanhola foi tão interessante e tão estúpida (FREIRE, 2013, p. 51).

É dentro de uma geração carente de emprego e de afetos que a narrativa de Maria e José se situa, além de marcar também o nascimento de um romance *transibérico* que reproduz as semelhanças e diferenças entre Portugal e Espanha, ambos países igualmente afetados pela crise, tal qual suas sinédoques representadas na forma dos dois protagonistas do romance. A revolta contra o sistema é interseccionada pela representação das suas subjetividades, uma vez que os posicionamentos ideológicos de Maria estão relacionados à sua visão feminista sobre o mundo, enquanto José é um homem transexual que faz militância pela sua causa.

PROBLEMAS DE SUBALTERNIDADE

Como demonstrado por Berenice Bento (2006) em seu estudo *A reinvenção do corpo*, o percurso do sujeito transexual é muitas vezes marcado pela depressão e angústia existencial causadas pela não correspondência entre imagem idealizada e condição física, sendo necessário passar por intervenções médicas e/ou cirúrgicas para adequar a aparência ao gênero correspondente de sua subjetividade. Sendo assim, uma mulher transexual que não se sente bem com seu pênis e seu corpo masculino se vê obrigada a injetar hormônios, vestir-se com acessórios e roupas tidas como femininas (tais como saias, brincos, colares, entre outros) para materializar uma identidade socialmente e discursivamente cristalizada como feminina. O estudo de Bento aponta para a ânsia por aceitação e validação social como o ponto de partida para a busca incessante pelo processo de readequação do corpo físico ao corpo subjetivo.

Em oposição ao contexto de revolução sexual e das primeiras reivindicações dos movimentos feministas e gays durante os anos 1960, a conjuntura da militância trans na segunda década do século XXI passa a ocupar uma posição central entre as causas sociais reivindicadas. As demandas de pessoas transgênero, inseridas no movimento LGBTQ+, ocupam atualmente uma posição ambivalente no que diz respeito à recepção pelos campos mais progressistas da sociedade. Se por um lado o prota-

gonismo dentro da militância LGBTQ+ abre a possibilidade de quebrar o binarismo patriarcal da categorização de gêneros e constrói novos horizontes para uma sociedade mais tolerante em relação à diversidade sexual e de identidades de gênero, por outro abre espaço para reflexões a respeito de quão vulneráveis estamos aos modos de materialização de identidades discursivas e de gênero ainda neste início de século XXI.

A conquista de espaços culturais e midiáticos contribui para uma maior visibilidade, o que agrada a grande parte dos movimentos progressistas. Por outro lado, setores da esquerda e da academia olham para isso com receio. A veiculação da imagem de ícones *gays* em discursos publicitários e midiáticos provoca a sensação de evolução e progresso social no que diz respeito aos direitos humanos, mas tal situação não corresponde à (ainda) violenta realidade à qual as sexualidades policiadas são submetidas diariamente, especialmente em países subdesenvolvidos ou nos quais o modelo neoliberal ganha cada vez mais espaço. A emergência de figuras LGBTQ+ na cultura pop ocidental é cada vez maior, como o caso da *drag queen* Pablo Vittar, cujo rosto foi usado para estampar e divulgar multinacionais representantes do grande capital financeiro que fazem uso da imagem de minorias sociais em nome de uma dita “representatividade”, ao mesmo tempo em que condenam à marginalidade as populações mais vulneráveis com a retirada de direitos e desemprego. No âmbito acadêmico, algumas vozes pós-estruturalistas (especialmente advindas de países subdesenvolvidos) expressam seu incômodo com a atual glamourização que envolve a teoria *queer*.

Se nos Estados Unidos pessoas como David Halperin denunciaram a rápida institucionalização da *queer theory*, normalizada pelo seu êxito acadêmico, na América Latina e na Espanha esse processo parece ser ainda mais acelerado pela falta de tensões que provoca sua recepção nos espaços acadêmicos locais, que não veem na nomenclatura um perigo ou questionamento, mas uma glamourosa nova fórmula de saber exportada a partir dos Estados Unidos. O mercado dos países periféricos da América do Sul usualmente traduz o nome dos produtos ao inglês como fórmula publicitária para aumentar o status simbólico da mercadoria. Compreendemos que não é o mesmo dizer na América Latina teoria bicha e dizer teoria *queer*, que por fim esse enunciado de fonética mais esnobe ajuda a que não exista suspeita a que se ensine essa sabedoria em instituições e universidades, sem provocar tensões e repercussões ao estigmatizar esse tipo de saber como bastardos. Podemos desfrutar do shopping *queer* em nossas latitudes? [...] Um mundo de fabulosas oportunidades para levar a cabo o discurso e o desborde estético necessários para nos sentirmos envolvidos e santificados pelo tema. O sistema econômico facilmente recolhe as novas identidades e lhes outorga um perfil pseudodemocráticos. Assim há ocorrido com o não menos problemático conceito já absorvido por uma torrente taxionômica e identitária que afirma uma política e um sujeito *queer* (PERRA, 2014, p. 6).

A tendência assimilacionista dos movimentos LGBTQ+, somada à glamourização da teoria *queer* em meios acadêmicos, é um desconforto manifestado por teóricos e vozes mais recentes da área dos estudos de gênero que tecem críticas ao modelo já cristalizado pelos teóricos e acadêmicos pós-estruturalistas. A curto prazo, o efeito das últimas articulações de organização da militância LGBTQ+ reflete em uma divisão de opiniões e de questionamentos a respeito do real lugar de pertencimento e da forma de combatividade ideal a ser adotada pelas ditas minorias sociais sem que suas lutas acabem por apagar diferenças intrínsecas a esses grupos. Ao mesmo tempo que a necessidade de aliar-se a propagadores de discursos midiáticos homogêneos é vista como algo aceitável, progressista e compreensível, para outra parte da sociedade – especialmente aquela da academia – a materialização discursiva e política da transexualidade (assim como dos outros seguimentos LGBTQs+) cristalizada pela militância de esquerda e apropriada pela mídia é vista com desconfiança e receio, já que esta passa a ser usada como meio neutralizador, ao invés de subversivo, das categorias binárias de gênero já socialmente institucionalizadas. Maggie Nelson, em seu romance-ensaio *Argonautas*, expressa este incômodo da proximidade entre movimentos sexuais e tendências neoliberais, uma vez que

Há algo mesmo estranho em viver num momento histórico em que a ansiedade e o desespero conservador de que os *queers* vão destruir a civilização e suas instituições (o casamento, mais notadamente) são contrapostos pela ansiedade e pelo desespero que tantos *queers* sentem sobre o fracasso ou a incapacidade da condição *queer* de derrubar a civilização e suas instituições, e sua frustração com a tendência assimilacionista e irrefletidamente neoliberal do movimento LGBTQ+ predominante, que já gastou uma boa grana implorando a entrada em duas estruturas historicamente repressoras: o casamento e as forças armadas (NELSON, 2017, p.31).

Em *Trans iberic love*, Maria e José entram em crise a partir de seus questionamentos em relação à forma como performam suas identidades, ou seja, como ambos (e principalmente José) materializam suas identidades conforme uma cartilha identitária propagada por meios midiáticos ou de militância política. Esse questionamento surge como um estopim para que José passe a se autoquestionar a respeito das atitudes assimilacionistas do movimento LGBTQ+ em relação ao neoliberalismo e ao sistema capitalista que ele mesmo se via reproduzir:

ir ao psiquiatra, ir ao endocrinologista para hormonalizar-se e operar-se. Este são os “três passos mágicos”. E aqui começa e termina o processo. És transexual durante este processo, mas depois de te operares passas a encaixar na sociedade e és um homem ou uma mulher. E vendem-te esta solução mágica: comesas como Barbie e terminas como Ken, ou vice-versa, e já está. Ou seja, é-te vendida uma mentira (FREIRE, 2013, p. 198).

O sujeito transexual, que antes buscava materializar sua identidade pelo caminho *canônico* (cirurgia de transgenitalização, adequação física ao seu gênero, entre outros passos), agora busca sua emancipação por meio do questionamento de dispositivos discursivos responsáveis por essa ânsia à adequação sexual, que se desdobra na trajetória de José quando este passa a contestar o percurso ao qual pessoas transexuais estão sujeitas segundo os discursos cristalizados, por sua vez advindos de uma concepção de família nuclear de um modelo cristão de sociedade.

E tenho fobia ao conceito tradicional judaico-cristão de “casal”. O mais romântico que me ocorre dizer-te é que gostaria que não fôssemos nunca um casal. Sei que é surrealista, mas é o que sinto. E quero que saibas que distingo perfeitamente o nosso amor das formas burguesas dos nossos estados de regularem as relações de “casal”. E acho que devemos usar todas as formas legais ao nosso alcance para protegermos deste sistema tão violento as nossas vidas precárias (FREIRE, 2013, p.168).

A teoria *queer*, cujo início foi marcado pelas reflexões de David Halperin e Teresa de Lauretis que posteriormente influenciaram as observações de Judith Butler acerca dos binarismos articuladores do sexo em *Problemas de gênero*, tinha como base a filosofia desconstrucionista de Jacques Derrida, filósofo guiado pela contestação e releitura do modo pelo qual a sociedade ocidental estruturou seu pensamento em cima de oposições categóricas, observando que

Não é suficiente dizer que a escritura é pensada a partir de tais ou tais oposições dispostas em série. Platão a pensa, e tenta compreendê-la, dominá-la a partir da própria oposição. Para que esses valores contrários (bem/mal, verdadeiro/falso, essência/aparência, dentro/fora, etc.) possam se opor, é preciso que cada um dos termos seja simplesmente exterior ao outro, isto é, que uma das oposições (dentro/fora) seja desde logo creditada como matriz de toda oposição possível (DERRIDA, 2005, p. 50).

Sendo assim, a teoria das performances de gênero edificada por Judith Butler não recai no domínio das oposições hierárquicas que estruturaram o pensamento ocidental desde a Antiguidade. Os movimentos sociais que se construíram paralelamente ao advento de teorias pós-estruturalistas buscaram a afirmação a partir da negação da sociedade heteronormativa, que, por sua vez, buscava negar a existência das minorias. Uma vez que a hierarquia parece ser uma consequência inerente à lógica pela qual a linguagem se estrutura e ao modo pelo qual o capitalismo se faz perpetuar na sociedade, cabe à literatura exercer o papel de desvelar, por meio do dispositivo da linguagem, as contradições dos jogos de poder e as armadilhas que os movimentos de emancipação correm o risco de reproduzir em relação àquilo que buscam lutar contra. Ao observar que a performance de gênero de *drag queens* remete a uma paródia do comportamento

cânone heterossexual, Judith Butler não poderia prever que o seguimento LGBTQ+ chegaria a lugares de poder em que iriam reproduzir até mesmo o poder de homogeneização discursiva dos quais já se apossaram agentes de discursos do passado, tal qual a Igreja Católica. Em *Trans iberic love*, Freire faz uso de uma forma textual que transita entre gêneros diversos, o que inicialmente pode parecer um lugar comum quando se fala em literatura híbrida desterritorializada, mas a partir de uma leitura mais profunda a obra passa a adquirir novos contornos estéticos e sociais no que diz respeito ao modo como dialoga com as atuais estruturas de articulação e poder dos movimentos sexuais.

CONTAMINAÇÕES TEXTUAIS

O enfoque na subjetividade de identidades sexuais minoritárias ganhou espaço gradual dentro da literatura portuguesa contemporânea. Em seu estudo sobre o sexo dos textos, Isabel Allegro Magalhães define como escritas predominantemente femininas aquelas que possuem

indicadores de uma outra sensibilidade, de uma outra percepção do real, de uma outra lógica, expressos literariamente nos textos e afins à experiência das mulheres: à sua experiência corporal, interior, social, cultural. Mas é claro que estas não possuem em exclusivo esses elementos: muitos homens comungam deles também (MAGALHÃES, 1997, p. 23).

Assim como Magalhães, João Barrento faz um esforço para compreender as tendências narrativas de uma poética feminina, apontando, entre outros aspectos, para a polifonia narrativa, a alinearidade, a autorreferencialidade no tratamento da matéria e as contaminações (2016, p. 65-66). A plasticidade da linguagem literária permite a transcendência e reinvenção de qualquer estrutura aparentemente estável, podendo se manifestar à parte de modelos canônicos literários fixos e preestabelecidos pela academia. Assim sendo, a linguagem literária pode ser capaz de performar a identidade trans dentro de suas próprias estruturas (de voz, espaço e tempo narrativos). O texto de Freire, para além de uma obra marcadamente literária, constrói um prisma caleidoscópico por meio de diversos gêneros textuais que compõem a narrativa, tal qual o epistolar, o manifesto, a autobiografia e o ensaio, que traduzem para o estético a experiência de uma subjetividade instável, que não se encaixa em apenas um padrão. Acreditamos que haja, para cada gênero, um motivo específico para sua escolha, uma vez que estariam relacionados à realidade que o romance pretende mimetizar, começando pela autobiografia e epistolar, gêneros por meio dos quais Maria e José se apresentam:

Vi-me

Venho da terra assombrada do ventre da minha mãe; na barriga da minha mãe a viciar-me em música e poesia.

Estava a nadar, sem peso, sem dor, sem fome, sem frio e umas contracções, uns movimentos violentos apertam-me até quase sufocar, não percebo o que se passa, deixo de conseguir respirar, começo a tentar sair dali, a nadar para sobreviver, uma coisa agarra-me e puxa-me qual naco de carne e uma luz dolorosamente intensa cega-me:

– Não consigo respirar! (FREIRE, 2013, p. 21-22).

24 de Dezembro de 2001. Barcelona.

De: jose@gmail.com

Para: pessoas

Data: 24 de Dezembro de 2001 23:59

Eu sou o José.

Tenho catorze anos. Esta noite faço quinze.

Tento ser como toda a gente. Normal? (FREIRE, 2013, p. 45).

Em sua *História da sexualidade*, Foucault aponta para a evolução da confissão, que surge na Idade Média por intermédio da Igreja Católica como mecanismo de controle social, posteriormente evoluindo para outras formas de manifestação na Modernidade, entre as quais abarca o gênero autobiográfico e seus derivados, uma vez que

A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Entretanto, ela se transformou consideravelmente. Durante muito tempo permaneceu solidamente engastada na prática da penitência. Mas, pouco a pouco, a partir do protestantismo, da Contra-Reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados (FOUCAULT, 1988, p. 62).

Os maiores alvos da Igreja durante a Idade Média foram as minorias dissidentes da cultura hegemônica, tais quais as chamadas bruxas, os homossexuais, os ciganos, entre outros. Era de grande interesse da Igreja controlar o que se passava em meios em que ela não obteve sucesso para penetrar. É curioso, portanto, notar que a autobiografia – que seria, segundo Foucault, uma das “derivações” da confissão – tenha sido o primeiro gênero textual por meio do qual pessoas transexuais, intersexos ou travestis tenham encontrado espaço para se expressar desde o século XIX, como

a autobiografia de Herculine Barbin (reeditada pelo próprio Foucault no século XX), a de Lili Elbe publicada em 1932 e o *boom* na publicação de autobiografias de pessoas transexuais nos anos 1970 e 1980.

Como observado por Beemyn (2013) e Califia (2003), o gênero autobiográfico é predominante na literatura trans até o século XX, sendo a subalternidade um elemento recorrente na voz dos narradores, que apresentam-se como seres abjetos em busca de um lugar de pertencimento na sociedade. Califia (2003) observa que é a partir da publicação da autobiografia da transativista René Richards que esse tipo de obra ganha um tom mais político, em que a afirmação e orgulho tomam o espaço ocupado pela vergonha e lamentação em relação à própria condição.

Com a recente organização política e junção de vozes que apresentam demandas em comum, pessoas transexuais passam a ocupar a centralidade de discussões e debates em âmbitos de dentro e de fora do meio LGBTQ+ por meio de páginas do Facebook (entre outras plataformas) como *Travesti reflexiva*, em que sua autora, Sofia Fávero, relatava experiências pessoais de emancipação de gênero relacionadas à sua exposição física enquanto mulher trans, mesclando textos de cunho autobiográfico com textos de viés fortemente politizante como forma de validar a sua voz e legitimar sua existência a partir de experiências pessoais indissociáveis de reivindicações políticas.

Contemporâneo a esse fenômeno, no contexto ibérico insurgia o movimento social Indignados, cujo início se deu por meio da convocação virtual de pessoas para protestos em cinquenta e oito municípios espanhóis, e que contou com apoio de mais de duzentas pequenas associações. A partir de 15 de maio de 2011, o movimento foi responsável por conduzir protestos que refletiam a vontade de modelos econômicos mais democráticos e inclusivos. Já no Brasil houve a emergência do ciberativismo em inícios de século XXI com o movimento Retome, que consistia na organização de grupos virtuais que criavam projetos “político-pedagógicos, sítios na internet, registros e documentações, fazendo com que o software livre e a cultura da abundância e da subjetividade se expandisse, infiltrando-se desde as políticas públicas culturais a projetos anticapitalistas radicais” (WELLS; HOLMES, 2012, p. 213-214).

Como reflexo dessa conjuntura contemporânea, a escolha pelo uso de manifestos políticos e do gênero ensaístico (enquanto um gênero marcadamente político) também é bastante presente na narrativa de Freire, principalmente nos capítulos em que a fala pertence a José, parecendo por vezes tratar-se de uma linguagem não literária:

Os grupos e colectivos signatários deste manifesto exigimos com carácter de urgência:

1. O esclarecimento dos acontecimentos que rodearam a morte de R. P. com a maior brevidade. 2. O tratamento do processo em condições de máximo respeito pela dignidade

da pessoa falecida e suas pessoas próximas, tanto por parte das autoridades policiais e judiciais no processo, como por parte dos meios de comunicação. O respeito pela identidade de R. e pela sua intimidade pessoal e a rejeição de um tratamento sensacionalista por parte dos meios de comunicação.

Vivemos numa democracia. Viva a democracia! 3. As transfobias quotidianas que encontramos nas ruas, nas leis, nos meios de comunicação, etc., são as que impedem muitas pessoas de aceder a direitos básicos, como o acesso ao emprego, o respeito pela identidade pessoal e o direito à autodeterminação do próprio corpo sem a tutela psiquiátrica. [...] Por tudo isto, os grupos abaixo assinados apelamos a todas as pessoas que no próximo dia 28 de Julho às 18 horas participem nas concentrações que terão lugar em várias cidades para exigir uma investigação transparente e rigorosa e o fim do tratamento transfóbico que tem sido dado ao caso da morte de R. P. Barcelona, Aragão, Sevilha, Bilabu, Donostia-San Sebastián, Corunha, Vitoria-Gasteiz, Madrid, Julho de 2007 (FREIRE, 2013, p.208-209).

O uso de uma linguagem característica de manifestos e de textos ensaísticos sobre a condição trans surge como uma “performance” literária da militância LGBTQ+ na atual conjuntura ocidental. Em seu texto sobre traços e tendências de escritas femininas, João Barrento (2016) elenca a contaminação textual como um dos traços predominantes dessa escrita, definindo-a como uma “promiscuidade da forma do romance pela presença de outros géneros mais ou menos estranhos àquela forma: diário, ensaio, autobiografia, conto, poema em prosa, fragmento, carta e toda a espécie de formas de expressão poética” (2016, p. 66). Dessa forma, o movimento textual realizado por Freire funciona como uma poética feminina por confrontar as bases textuais masculinas que compõem a estabilidade cânone do texto, e também como uma poética transexual ao colocar José para parodiar (performativamente falando) as linguagens políticas e textuais apropriadas pelos LGBTQs, como o emprego do género neutro, que passa a ser utilizado a partir de um capítulo narrado por José, quando declara “Somos todxs pessoas. Livres e mimalhas” (FREIRE, 2013, p. 57), e posteriormente empregado por Maria, ao abordar a questão da impossibilidade de homogenia entre os LGBTQs:

Aí está a questão: eu e tu e todxs, e mesmo todxs xs que virão depois de nós, poderão não ter coragem de viver o que sentem – quem tem? – mas nunca, nunca nenhuma pessoa humana será reduzível a $1 + 1 = 2$. [...] Nós não caminhamos para o uno, para a unidade, mas sim para a diferença, para a diversidade (FREIRE, 2013, p. 147).

De acordo com o Paul B. Preciado em seu *Manifesto contrassexual* (2014), “o que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do género, assim como suas instituições. [...] Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de género ou das referências à heterossexualidade,

mas sim de modificar as posições de enunciação” (2014, p. 27). Podemos observar, portanto, que, ao se apropriar das formas de expressão textual e dos artifícios linguísticos utilizados pela militância LGBTQ+, Freire constrói um texto palimpséstico que, ao mesmo tempo em que reproduz questionamentos presentes no senso comum sobre as configurações atuais de uma sociedade regida por princípios neoliberais, também levanta indagações acerca de posturas discursivas adotadas pela revolução *queer*, que, ao tentar ser um contraponto a essa sociedade heteronormativa, faz uso da mesma estratégia por ela adotada por meio da propagação de discursos hegemônicos facilmente assimilados por meios midiáticos, que pouco a pouco tomam forma e passam a servir como fonte modeladora de subjetividades, provocando o apagamento das diferenças. Assim, o romance se expressa por uma estética que traz inscrita um duplo rompimento textual por meio da herança de uma poética feminina que rompe com a tradição patriarcal ao mesmo tempo em que adota uma linguagem apropriada por um grupo minoritário que surge cada vez mais homogêneo. Em *Trans iberic love*, a junção dessas categorias na voz feminina de Maria, somada à presença de voz narrativa trans de José, aponta para um movimento de dupla desconstrução da estabilidade binária na qual a escritura, a sociedade e o pensamento ocidental se fazem construir e disseminar. A transição entre diferentes gêneros traduz-se na apropriação da linguagem textual utilizada pela militância LGBTQ+, que erra ao reproduzir estratégias discursivas utilizadas pelo biopoder que visavam a hegemonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise econômica causada pelo neoliberalismo representa um risco às democracias e coloca em cheque a lógica por trás do funcionamento dos sistemas capitalistas. No contexto europeu, a presença dos países ibéricos na União Europeia contribuiu para que Espanha e Portugal se tornassem países subalternos quando circunscritos no contexto desse bloco econômico, em contraste com o papel de países imperialistas e colonizadores que exerceram no passado. Assim, a identidade nacional portuguesa foi afetada, o que se reflete na configuração atual de sua literatura, tal como observado por Miguel Real (2012) a partir de uma visão micro e por Bhabha (1994) a partir de uma visão macro.

Para que haja a construção de um discurso não hegemônico dentro do movimento, os LGBTQs deveriam repensar a adoção de discursos construídos a partir de termos polêmicos cujas próprias categorizações tenham inscrito em si aquilo que desejam negar. A busca pela *différance*, por uma categoria não condicionada a um oposto, que se manifesta no uso do gênero neutro, não seria uma forma de negação e de oposição à linguagem falocêntrica? Quais seriam os meios de articulação de um discurso isento de armadilhas oposicionistas?

O texto palimpséstico de Freire converge para esses questionamentos quando dialoga com a tradição literária sem o intuito de destruí-la ou de tentar repeti-la por meio da simples subversão negacionista e usa gêneros textuais híbridos no intuito de impossibilitar a inscrição de seu romance em um único gênero. A apropriação de meios midiáticos já conhecidos parece ser uma corroboração ao modo contemporâneo de atuação e articulação LGBTQ+, mas é desdobrada no percurso de Maria e José como um desconforto que faz com que passem a questionar seus reais propósitos (a homogeneização do que não é passível de ser homogêneo) e sobre a forma como condicionam sua luta e existência à circunscrição de identidades a um tipo de performance. A partir do reconhecimento de que a revolução *queer* não deve passar apenas por pautas identitárias, a transformação dos dois se dá por meio da união entre a consciência de classes e aquelas já por eles reivindicadas, cuja base é própria da aquisição de consciência de uma sexualidade dissidente, ou seja, de que nossas *différences* resistiram aos regimes fascistas, ditatoriais e perseguições do passado, assim como devem resistir aos discursos hegemônicos e às crises democráticas criadas pelo neoliberalismo neste início de século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENTO, João. A nova desordem narrativa: escrita feminina. In: _____. *A chama e as cinzas: um quarto de século da literatura portuguesa (1974-2000)*. Lisboa: Bertrand, 2016.

BEEMYN, Genny. A Presence in the Past: A Transgender Historiography. *Journal of women's history* – Vol. 25, nº 4, 2013. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/jowh/summary/v025/25.4.beemyn.html>. Acesso em: 23 jan./2018.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALIFIA, Patrick. *Sex changes: transgender politics*. Jersey, NJ: Cleis Press, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. De Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Raquel. *Trans iberic love*. Lisboa: Divina Comédia, 2013.

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transgênero” no discurso científico*. São Paulo: Anna-blume, 2011.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O sexo dos textos: traços da ficção narrativa de autoria feminina. In: _____. *O sexo dos textos e outras leituras*. Alfragide: Caminho, 1997.

NELSON, Maggie. *Argonautas*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PERRA, Hija de. Interpretações de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Trad. Helder Thiago Maia. *Revista Periódicus*, 2ª ed. Salvador: Nov/2014-Mar/2015. p.1-8.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

REAL, Miguel. Em demanda de um novo cânone. In: _____. *O Romance português contemporâneo: 1950-2010*. Alfragide: Caminho, 2012.

WELLS, Tatiane; HOLMES, Tori. Relatando o retome a tecnologia: o ciberfeminismo chega ao Brasil. In: SOUZA, Leonardo Lemos de et al (org). *Gênero, corpo e @tivismos*. Cuiabá: UFMT, 2012.

Recebido para publicação em 20/05/2018

Aprovado em 14/07/2018

NOTAS

1 Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: marcelobranquinho9@gmail.com

2 Como observa Leite Jr. (2011), o termo transexualidade foi cunhado e cristalizado pela comunidade científica médica e pelas ciências psicológicas e psiquiátricas ao longo do século XX, não havendo um consenso na pesquisa historiográfica sobre sua data de criação ou autoria, apenas evidências de seu uso e circulação em pesquisas e escritos médicos. Ao contrário do que ocorria no contexto da Antiguidade, em que homem e mulher eram vistos como corpos que se complementavam e como uma extensão um do outro, no contexto da Modernidade, em que imperam os binarismos característicos da tradição do pensamento ocidental, a transexualidade passa a ser vista como algo repreensível e passível de patologização. Por outro lado, dentro dos movimentos LGBT+ convencionou-se “transgeneridade” como o termo que é atualmente mais aceito e menos patologizante.